



PODER

Lula sob forte cobrança para pressionar Caracas

Em carta, 30 ex-chefes de Estado e de governo “exortam” brasileiro “a reafirmar seu compromisso com a democracia e a fazê-la prevalecer também na Venezuela”. No Chile, petista se ateve a cobrar novamente “transparência” ao país de Maduro

» INGRID SOARES
» VICTOR CORREIA

Cresce a pressão para que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva se posicione firmemente sobre as eleições da Venezuela. Ontem, 30 ex-chefes de Estado e de governo — integrantes da Iniciativa Democrática da Espanha e das Américas (Ideia) — enviaram ao petista uma carta cobrando que denuncie o que classificam como fraude perpetrada pelo presidente Nicolás Maduro. O Brasil não se posicionou oficialmente sobre o assunto, apenas pediu que o governo de Caracas apresente as atas eleitorais.

No Chile, onde se reuniu, ontem, com o presidente Gabriel Boric, Lula se ateve a cobrar “transparência” e falou em “respeito à soberania popular”.

“Expus (com Boric) as iniciativas que tenho empreendido com os presidentes Gustavo Petro (Colômbia) e López Obrador (México) em relação a processo político na Venezuela. O respeito pela tolerância, o respeito pela soberania popular é o que nos move a defender a transparência dos resultados”, disse, em pronunciamento conjunto. “O compromisso com a paz é que nos leva a conclamar as partes aos diálogos e a promover o entendimento entre governo e oposição.”

Lula ressaltou que, “nos últimos anos, o Brasil experimentou uma versão tucânica da mesma combinação de autoritarismo político e neoliberalismo econômico”.

Ele comentou sobre as relações entre os dois países no passado e afirmou lamentar que “o Brasil tenha a triste mácula de ter apoiado a ditadura chilena”. Usou seu partido como exemplo para explicar como deve funcionar a política externa, na busca por consenso.

“No meu partido, chegamos a ter 19 tendências, que pensavam diferente. Toda reunião a gente ia lá e fazia um trabalho para que a gente conseguisse aprovar uma posição única. Na política externa é a mesma coisa. Cada país tem a sua cultura, cada país tem os seus interesses,

cada país tem as suas nuances políticas”, frisou. “A gente não pode querer que todo mundo fale a mesma coisa, que pense a mesma coisa. Nós não somos iguais. Nós somos diferentes, isso é extraordinário. A diferença permite que a gente procure encontrar as nossas similaridades.”

Já Boric adotou uma posição dura contra o regime de Maduro logo após o anúncio do resultado, dizendo ser “difícil acreditar” na **reeleição venezuelana**.

No último dia 30, em sua primeira declaração a respeito das eleições na Venezuela, Lula afirmou que “não tem nada de grave e assustador” ou “anormal” no pleito. Segundo ele, para “resolver a briga”, é preciso que o governo de Maduro apresente as atas — documentos que registram todos os votos computados por seção. No entanto, apesar da pressão de países e órgãos internacionais por transparência, o governo venezuelano se recusa a fazê-lo.

Carta

Na carta a Lula, os 30 ex-presidentes enfatizam: “Exortamos a Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República Federativa do Brasil, a reafirmar seu inquestionável compromisso com a democracia e a liberdade, as mesmas de que gozam seu povo, e a fazê-la prevalecer também na Venezuela”.

Os ex-chefes mundiais acusam Maduro de fraudar o resultado do pleito para se manter no poder. Eles também repudiam a repressão e as violações dos direitos humanos pelo regime chavista. Além disso, criticam as prisões de opositores que ocorreram após o pleito, e apoiam os protestos liderados por María Corina Machado, principal líder da oposição.

Mais do que questionar a reeleição de Maduro, a carta reconhece a vitória de Edmundo González Urrutia nas urnas. “Não exigimos nada diferente do que o próprio presidente Lula da Silva preserva em seu país”, diz o documento, que também foi publicado no site da Iniciativa.

O Ideia reúne 37 ex-chefes

Rodrigo Arangua/AFP



Lula com Boric: na contramão do presidente brasileiro, o chileno disse ser “difícil acreditar” na reeleição do ditador da Venezuela

Retaliação

Em represália ao Chile, a Venezuela fechou a representação diplomática do país, assim como fez com outras nações da região que contestaram a vitória de Maduro. Peru, Argentina, Uruguai, Equador, Costa Rica e Panamá foram além e seguiram os Estados Unidos, ao reconhecer Edmundo González como presidente eleito da Venezuela. A oposição afirma ter cópias das atas que confirmariam a sua vitória. A pressão foi reforçada pela União Europeia, que não reconheceu o resultado e cobrou verificação independente.

de Estado, além de instituições e representantes da sociedade civil. Entre os signatários, estão Maurício Macri, da Argentina; Carlos Mesa, da Bolívia; Juan Carlos Wasmosy, do Paraguai; e Guillermo Lasso, do Equador. O ex-presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso, que também participa do grupo, não assinou a carta.

A vitória de Maduro foi proclamada pelo Conselho Nacional Eleitoral da Venezuela, alinhado politicamente com o chavista. Segundo o órgão, o atual presidente obteve 52% dos votos, contra 43% de Edmundo González. Ontem, o candidato da oposição assinou uma nota pública como “presidente eleito” (**leia reportagem na página 9**).

Macron

Apesar da pressão, Lula recebeu mais um apoio público ontem. O presidente da França, Emmanuel Macron, telefonou para o petista e elogiou o posicionamento do Brasil em relação às eleições venezuelanas. Segundo ele, é admirável que o chefe do Planalto mantenha diálogo tanto com Maduro quanto com a oposição.

“Com o presidente Lula, apoiamos o anseio do povo venezuelano por uma eleição transparente. Essa demanda está no cerne de qualquer democracia”, escreveu o francês em sua conta no X, em português, francês e espanhol. No telefonema, ele também agradeceu a presença da primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja, na abertura das Olimpíadas de Paris. O petista atendeu ao telefonema enquanto estava em Santiago, pouco antes do início de sua agenda de compromissos.



O respeito pela tolerância, o respeito pela soberania popular é o que nos move a defender a transparência dos resultados. O compromisso com a paz é que nos leva a conclamar as partes aos diálogos e a promover o entendimento entre governo e oposição”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

Presidente: nova era após “apagão diplomático”

Ricardo Stuckert / PR



Lula participou da homenagem a líder militar da independência chilena

Na visita ao Chile, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva exaltou a relação diplomática com o país e disse querer alçar os laços a “uma nova era”. Ele aproveitou para disparar críticas ao opositor, o ex-presidente Jair Bolsonaro, citando “retrocessos” e “negacionismo”.

“O Brasil saiu do apagão diplomático ao qual se submeteu de 2018 a 2022. O Brasil não tinha relações com ninguém e tratava de ofender aliados. Ficou totalmente isolado. Ninguém queria visitar o Brasil, e ninguém queria receber o presidente do Brasil”, afirmou Lula. Em seu governo, Bolsonaro fez duras críticas a Boric, que convocou seu embaixador de volta ao Chile — gesto de insatisfação na linguagem diplomática.

Lula argumentou que, quando voltou à Presidência, levou o

objetivo de aumentar a integração entre os países da América do Sul, incluindo o fortalecimento de blocos como o Mercosul e a Unasul. Também fez um apelo por união.

“Não podemos continuar de costas uns para os outros. Temos que estudar, pesquisar, ganhar cada coisa que podemos fazer juntos. Temos que estudar nossas similaridades. Temos que fazer com que as coisas aconteçam em benefício de um sonho de uma América Latina unida, de uma América do Sul unida”, ressaltou o presidente, classificando a relação com o Chile como uma “amizade sem limites”.

O brasileiro destacou, ainda, querer ampliar a relação com o Chile — os países têm mais de 90 acordos em vigor, sem contar os 19 assinados ontem, em áreas como turismo, defesa, ciência e

tecnologia, agropecuária e direitos humanos.

“Nunca mais a relação Brasil e Chile será como foi antes. Ela tem que melhorar em todos os campos, sobretudo na política, sobretudo na relação de amizade, sobretudo no pensamento de que o povo chileno merece mais e o povo brasileiro merece mais”, argumentou Lula.

Compromissos

A agenda do presidente em Santiago foi cheia. Ele também esteve com os chefes da Câmara dos Deputados, do Senado e da Corte Suprema, em visita de Estado — ou seja, quando todos os protocolos são seguidos.

Pela manhã, participou da oferta de flores ao Monumento Libertador Bernardo O’Higgins, que homenageia o

principal líder militar da independência chilena e o primeiro chefe de Estado do país. O monumento fica em frente ao Palácio de La Moneda, sede do Executivo chileno. Logo em seguida, foi recebido por Boric com honras no palácio e passou as tropas em revista.

Além dos encontros com os chefes dos Poderes, Lula esteve com o secretário-executivo da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), José Manuel Salazar-Xirinachs; e com o CEO da companhia aérea Latam, Roberto Alvo; e participou do encerramento do Foro Empresarial Chile-Brasil.

Hoje, Lula deve participar do lançamento da pedra fundamental do Centro Espacial Nacional (CEN) e se reunir com a prefeita de Santiago, Irací Hassler. (IS e VC)